

PARA ALÉM DA REPRESENTAÇÃO: REDES SOCIAIS E MEDIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Graça Torres¹

Resumo: Este artigo foi apresentado como trabalho de conclusão da disciplina Teorias da Educação e Processos Pedagógicos, ministrada pelo professor Dr. José Carlos Libâneo, no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Goiás. O texto faz parte da pesquisa que está em andamento no mestrado acadêmico da autora, que tem como objeto de estudo o uso de redes Sociais, como um dos instrumentos de mediação, no processo de ensino-aprendizagem. Este artigo pretende analisar o uso das redes sociais como uma ferramenta das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), para além da representação, como mediação no processo de ensino e de aprendizagem. Para compreender essa relação pedagógica, o estudo apresenta abordagens teóricas sobre representação, redes sociais, mediação, ensino e aprendizagem numa perspectiva histórico-cultural. Diante das mudanças culturais provocadas pelas redes sociais é cada vez mais importante compreender os desafios da educação na sociedade contemporânea para acompanhar de forma consciente as tendências. Não estou aqui fazendo uma apologia ao uso das TIC como redenção ou a grande descoberta pedagógica do século, ou mesmo como a única mediação possível no processo de ensino e de aprendizagem e no desenvolvimento das funções mentais dos alunos. Tudo isso pode acontecer com ou sem o uso das redes sociais impregnadas no mundo atual. O que busquei neste artigo foi analisar uma possibilidade do uso das redes sociais, não como meramente um instrumento das TIC, mas como um recurso para favorecer uma interação do aluno no processo de mediação, como forma de perceber as possibilidades do meio, a mobilização e a autonomia dos mesmos, no desenvolvimento de suas funções mentais e na construção do seu conhecimento.

Palavras-chave: representação, mediação, redes sociais, TIC, processo ensino-aprendizagem.

Introdução

Pensar em qualquer assunto no mundo contemporâneo que não perpassasse pelo uso de redes sociais, seja como forma de comunicação ou simplesmente de informação, não é tarefa fácil há alguns anos. Essa integração do homem ao mundo tecnológico mais do que uma realidade, já se impõe como uma necessidade praticamente universal.

A temática ‘redes sociais’, apesar de parecer recente em razão das novas tecnologias que a circunscrevem, é historicamente datada há séculos. O fato é que, ao longo da história, o meio e a abrangência dessas redes foram sendo remodelados de acordo com o

¹ Mestranda em Educação – PUC/GO / gracatorres@gmail.com

desenvolvimento de meios de comunicação característicos do momento vivido pela sociedade. Assim, a escrita, o telefone, o computador e o celular reconfiguraram o ritualístico das relações humanas, culminando nos dias de hoje com o aprimoramento da internet e a migração para o digital. E isso tudo com um único fim: a comunicação entre pessoas, independentemente da ferramenta utilizada.

Nesse sentido, encontramos eco nas palavras de Gabriel (2010) ao afirmar que

redes sociais são estruturas sociais que existem desde a antiguidade e vêm se tornando mais abrangentes e complexas devido à evolução das tecnologias de comunicação e informação. No entanto, é importante ressaltar que redes sociais têm a ver com pessoas, relacionamentos entre pessoas, e não com tecnologias e computadores. Tem a ver com ‘como usar tecnologias’ em benefício do relacionamento social. A essência das redes sociais é a comunicação, e as tecnologias são elementos catalisadores que facilitam as interações e o compartilhamento comunicacional. (GABRIEL 2010, p. 194, grifo do autor).

Analisando o tema, o autor e cientista social espanhol Castells (1999) afirma que as redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela.

Essa integração na comunicação mundial, ultrapassando inclusive as barreiras da língua, já está presente também nas salas de aula onde as TIC² estão inseridas nas práticas cotidianas de professores e alunos no processo de ensino e de aprendizagem, não apenas como novos instrumentos para velhas práticas docentes, mas como mais uma ferramenta de mediação desse processo.

Baseado nesse pressuposto, este artigo faz parte da pesquisa que está em andamento no mestrado acadêmico da autora, que tem como objeto de estudo o uso de redes Sociais, como um dos instrumentos de mediação, no processo de ensino-aprendizagem.

² Tecnologia da Informação e Comunicação - TIC são ferramentas e processos eletrônicos destinados a acessar, recuperar, guardar, organizar, manipular, produzir, compartilhar e apresentar informações. Incluem equipamentos e *software* de computação e de telecomunicações dos quais, os centrais são os computadores, *modems*, roteadores, programas operacionais e aplicativos específicos como os multimídia, e sistemas de bases de dados. Também podemos incluir a televisão, leitores de videocassete e leitores de DVD. (SUNKEL, 2006).

Entendemos aqui mediação, fundamentada na teoria de Lev Vygotsky³, como instrumentos (ferramentas e signos) que cumprem um papel central na constituição dos processos psicológicos superiores com origem histórica e social. Ou seja, o conhecimento se origina na vida social, na participação do indivíduo em atividades vividas com outros. A interação é feita através da linguagem, que estabelece a mediação entre indivíduo e cultura. Esse é um campo fértil para a pesquisa sobre uma possível interação pedagógica promovida pelas redes sociais.

Segundo Baquero (1998, p. 27), a teoria sociocultural “se propõe centralmente a analisar o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores a partir da internalização de práticas sociais específicas”. O uso das redes sociais é uma realidade cultural e um instrumento simbólico das práticas sociais da modernidade.

Nesse sentido, a interação via redes sociais com a linguagem virtual da mediação é uma grande ferramenta social de contato, por meio da qual um aluno pode propiciar trocas com o outro (podendo ser esse outro um aluno ou o próprio professor) para completar-se e conquistar seu potencial de aprendizagem. Nesse sentido, de acordo com o pensamento vygotskiano, a atividade cerebral é estimulada pela interação entre parceiros sociais e mediada pela linguagem.

Com o desenvolvimento dessas novas tecnologias da informação e comunicação – as chamadas TIC e as redes sociais – surgiram novas configurações. Essas novas configurações foram observadas não só nos processos de comunicação, mas, também na possibilidade de instrumentalização das práticas de ensino ao acrescentar novidades em tempo real que contribuem para o processo de aprendizado, o qual, pela informação, passou a receber contribuições que se somam à construção e ao entendimento das mensagens.

Comenius, há 500 anos, defendia em sua obra ‘Didática Magna’ a máxima: “a arte de ensinar tudo para todos” (COMENIUS, 2011). As lições permanecem atuais e continuam sendo referência para a pedagogia; porém, os desafios são outros. Como ensinar tudo quando a informação e a população crescem geometricamente, e como selecionar a qualidade dessa informação?

³ Psicólogo e pedagogo russo Lev Vygotsky (1896-1934) desenvolveu juntamente com outros psicólogos e pedagogos como Leontiev, Luria, Galperin e Davíдов, a partir dos anos 1920, a Teoria histórico-cultural. Essa teoria, segundo Libâneo (2011), busca compreender o desenvolvimento da mente humana como vinculado à cultura, ou seja, atribui um papel decisivo da cultura na formação das funções psicológicas superiores (e dentro da cultura, o ensino e a aprendizagem).

Para a primeira questão, entendo que deve haver a quebra de um paradigma do conhecimento transmitido para o do conhecimento construído. Para a segunda, é preciso universalizar a construção do conhecimento, abrir os espaços de discussão e, nesse campo, as TICs possuem um papel de suma importância.

Descartes, autor do axioma ‘Penso, logo existo’, já falava que o conhecimento não está pronto na natureza por si só, porque precisa do homem. Se, para ele, o homem produz conhecimento, procuremos imaginar o conhecimento que pode ser produzido numa rede de relações interpessoais ligada por aparatos tecnológicos como uma rede mundial de computadores. A internet é o berço das comunidades virtuais que hoje se fortalecem com as redes sociais, objeto deste artigo.

A expressão ‘comunidade virtual’ foi divulgada através do trabalho do jornalista americano Rheingold (1996) e serve para designar grupos de pessoas que se relacionam no ciberespaço através de laços sociais, onde existam interesses compartilhados, sentimento de comunidade e perenidade nas relações.

Na atualidade, vemos tudo isso nas redes sociais, principalmente em aplicativos popularizados em todo o mundo tais como o *facebook*⁴: uma TIC que também está invadindo a comunidade acadêmica. Sobre as TICs na sala de aula, Peixoto (2011) afirma que

[u]ma das características das TIC é seu potencial de abarcar diferentes componentes, meios e funções. Como instrumentos de ensino, são agentes duplos, ao mesmo tempo signos visíveis da mediação para o professor e meios de ação para o aprendiz. (PEIXOTO, 2011, p. 37).

Sendo assim, é mais do que o momento de usarmos esses aparatos tecnológicos⁵ a favor do processo de ensinar e de aprender. Admitir que a integração entre o processo de ensinar e o de aprender é essencial para a construção do conhecimento faz parte de um processo de resignificação, tanto da própria aprendizagem, quanto do conteúdo que utilizamos para orientar e conduzir nossos alunos em nosso dia a dia escolar. Para isso, é

4 Facebook é um site e serviço de rede social que foi lançado em 4 de fevereiro de 2004 nos Estados Unidos por Mark Zuckerberg, operado e de propriedade privada da Facebook Inc., e conta hoje com mais de um bilhão de usuários em todo o mundo. <<http://www.significados.com.br>> Acesso em: 24 jul. 2015.

5 Aparatos Tecnológicos são mecanismos, instrumentos ou itens utilizados como ferramentas tecnológicas, com uso de computadores, tablets, internet, etc.

importante situar os processos de ensino e de aprendizagem. Libâneo (2013, p. 56) define o processo de ensino como

[u]ma sequência de atividade do professor e dos alunos, tendo em vista a assimilação de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades, por meio dos quais os alunos aprimoram capacidades cognitivas (pensamento independente, observação, análise-síntese e outras).

O ensino não acontece por si só, mas apenas na relação com a aprendizagem. Libâneo (2013, p. 98) define ensino como “a assimilação ativa do conhecimento e de operações mentais”, e complementa seu pensamento afirmando ser “uma forma de conhecimento humano, desenvolvendo-se sob as condições específicas do processo de ensino”.

Já a aprendizagem, também de acordo com Libâneo (2013 p. 98), “é a atividade do aluno de assimilação de conhecimentos e habilidades.” Lembrando ainda que, segundo a teoria histórico-cultural, o sujeito adquire conhecimento na troca com o mundo em relações interpessoais, ou seja, na interação com o outro.

É importante ressaltar que esses componentes, ensino e aprendizagem, formam uma unidade e não podem ser considerados isolados um do outro nesse processo.

Dessa forma, as redes sociais podem contribuir como meio e não como fim desse processo. Por isso, é possível a Educação fazer uso dessas redes sociais levando em consideração a mediação que pode acontecer com as intervenções intencionais dos professores, que podem funcionar como agentes capazes de contribuir para o aprofundamento dos temas discutidos nesses espaços, orientar as discussões, e contribuir para a divulgação e o compartilhamento de atividades acadêmicas desenvolvidas em sala de aula.

Redes Sociais & Representações

Castells (1999, p. 385) refere-se à rede social como

uma rede eletrônica de comunicação interativa auto definida, organizada em torno de um interesse ou finalidade compartilhados, embora algumas vezes a própria comunicação se transforme no objetivo.

Ele afirma que o desenvolvimento tecnológico fornece um suporte apropriado para a comunicação e a interação é uma condição para que haja uma construção social nessas redes.

É importante pontuar as redes sociais como uma plataforma moderna das representações e usá-la no processo de ensino aprendizagem para além desse sentido.

Para Selwyn (2008), as TIC, tais como a internet e outros sistemas de telecomunicações mundiais, são os principais canais por meio dos quais a sociedade contemporânea é encenada. Para tanto, o autor se baseia na premissa de que todas as relações sociais são pontuadas pela representação do que é de fato e do que gostaria de ser.

Segundo Moscovici (2011, p. 40), “todas as interações humanas, sejam elas entre duas pessoas ou dois grupos, pressupõem representações. Na verdade, é isso que as caracteriza.”

De maneira distinta, o filósofo Rousseau vai pensar o homem em sua realidade histórica e enxergar uma compatibilidade entre dois contrapontos em seu projeto de formação: a essência e a existência. Rousseau vai criticar também as representações nas relações humanas. Na obra Emílio, Rousseau (2014) apresenta o termo ‘representação’ na forma oposta que os homens de sua época falavam e agiam, levando-o a descobrir também a diferença entre o ser e o parecer.

Através da história conhecemos o homem que é construído pela opinião do outro, não pelo o que ele é, mas pelo o que ele parece ser. Segundo Paiva (2011, p. 2),

[a]os poucos o homem ultrapassa o limite de sua natureza e cria uma carapaça simbólica, tornando-se *persona*⁶, com a qual se apresenta diante de seus semelhantes a fim de angariar simpatia e admiração ... fomentando um processo de perversão representativa que aprofunda a cisão entre o ser e o parecer.

Do ser para o parecer, o que vai importar será o signo e não o que ele representa, por exemplo, no campo econômico, político e pessoal. Para Paiva (2011, p. 3), “o termo representação pode ser entendido como a interposição do fenômeno entre o sujeito e o objeto, ocupando o lugar de um ou de outro.”

Esse fenômeno encontra um terreno fértil para que seja apropriado pelos usuários das redes sociais, onde o ser pode parecer quem e o que quiser. Felinto (2002, p. 22) comenta que, no mundo virtual, a identidade passa a ser fruto de um processo de construção intencional e, desse modo, os sujeitos teriam total liberdade na reelaboração de suas personas. “O sujeito

6

Persona é um personagem criado para ser exposto à sociedade.

passa a ser criador de si mesmo; demiurgo que produz não apenas novos mundos e seres, mas que também pode recriar-se indefinitivamente". Acredito que aí esteja a gênese da *selfie*⁷ no facebook e em todos os outros aplicativos sociais de fotografia na internet, até porque na sociedade não existe nada natural, tudo é artificialmente construído como as representações sociais.

Para Moscovici (2011), representações sociais são representações de alguma coisa ou de alguém. Segundo o pesquisador, tudo o que pensamos, sentimos, expressamos ou damos significado por meio de interpretações estão ligados a representações sociais. Todas as interações humanas, sejam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações. Segundo Moscovici (2011, p. 20),

[a]s representações sociais emergem, não apenas como um modo de compreender um objeto particular, mas também como uma forma em que o sujeito (Indivíduo ou grupo) adquire uma capacidade de definição, uma função de identidade, que é uma das maneiras como as representações expressam seu valor simbólico.

Daí emerge a questão: como trabalhar com as redes sociais no processo educacional, selecionando o conteúdo apropriado para o processo de construção do conhecimento sem se deixar contaminar pelo ambiente artificialmente criado?

Redes Sociais & Mediação

Sabe-se que o *Facebook* (objeto de estudo desta pesquisa), assim como outras redes sociais, foi criado por estudantes como uma rede privada universitária. Tal fato, por si só, já estabelece sua ligação com o ensino e fomenta estudos sobre sua utilização como ferramenta para a aprendizagem. Apesar de não ter sido criado para a educação formal e de ser usado meramente como uma extensão das relações sociais já existentes na universidade, o *Facebook* é uma possível ferramenta popular para ser explorada no processo de ensino-aprendizagem.

7 Selfie — é uma fotografia de autorretrato, normalmente tomada com uma câmera fotográfica de mão ou celular com câmera. Foi considerada a palavra internacional do ano de 2013 pelo Oxford English Dictionary.<<http://www.oed.com>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

De um milhão de usuários em 2004, quando surgiu, já ultrapassa a casa de um bilhão de pessoas conectadas uma década depois.

De acordo com o site de notícias do Jornal paulista O Estadão⁸:

A rede social Facebook divulgou hoje (28/10/14) o seu balanço do terceiro trimestre, no qual informou ter 1,35 bilhão de usuários mensais, um crescimento de 14% em relação ao mesmo período do ano anterior. Desse total, 1,12 bilhão acessam a rede por meio de dispositivos móveis, uma alta de 29%. A empresa tem atualmente 864 milhões de usuários ativos mensais, crescimento de 19% em relação ao mesmo mês do ano passado; esse número é de 703 milhões nas plataformas móveis, o equivalente a 39% de crescimento em um ano.

Esses números não podem ser desconsiderados nas pesquisas acadêmicas, principalmente porque boa parte desses usuários são estudantes, e estamos de frente com uma realidade incontestável, onde se faz necessário compreender os seus efeitos também sobre a ação pedagógica.

O presente estudo parte do princípio que as redes sociais usam a tecnologia, mas são interações entre os seres humanos que as constituem com tal. E como afirma (PEIXOTO, 2011, p. 32), “essas interações humanas mediadas tecnicamente são construções culturais e não apenas operações técnicas”.

Por isso, vamos nos ater aos questionamentos e possibilidades do uso das TIC, no caso o *Facebook*, como instrumento de mediação para a construção do saber.

Mediação no processo de ensino e aprendizagem representa estímulos à apropriação do conhecimento, elaborando ações que organizem as suas formas didáticas ao eleger o que deve ser mais importante para permitir que os alunos estruturem e organizem seu conhecimento.

Para Libâneo (2011, p. 88),

[u]ma boa didática, na perspectiva da mediação, é aquela que promove e amplia o desenvolvimento das capacidades intelectuais dos alunos por meio dos conteúdos. Conforme a teoria histórico-cultural, formulada inicialmente pelo psicólogo e pedagogo russo Lev Vygotsky, o objetivo do ensino é o desenvolvimento das capacidades mentais e da subjetividade dos alunos através da assimilação consciente e ativa dos conteúdos, em cujo processo se leva em conta os motivos dos alunos. O ensino é meio pelo qual os alunos se apropriam das capacidades humanas formadas

⁸ Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/facebook-chega-a-135-bilhao-de-usuarios-no-mundo>>. Acesso em: 07 ago. 2015.

historicamente e objetivadas na cultura material e espiritual. Essa apropriação se dá pela aprendizagem de conteúdos, habilidades, atitudes, formadas pela humanidade ao longo da história.

De acordo com a teoria histórico-cultural, então, fica claro que a mediação concentra-se na dinâmica das relações sociais, ou seja, do indivíduo com os outros. O que mais uma vez reafirma o papel do professor como uma ponte de mediação entre o aluno e o conhecimento. Nessa teoria, o papel da educação é garantir a criação de aptidões que são inicialmente externas aos indivíduos, dando condições de vida e de educação que possibilitem o acesso à cultura historicamente acumulada. Por isso, os educadores têm um papel essencial nesse processo porque eles são os mediadores da relação do aluno com o até então desconhecido.

Ainda sobre o papel do professor nesse processo, Libâneo (2011), de acordo com a ótica da teoria histórico-cultural, acrescenta que

[a] pesquisa mais atual sobre a didática utiliza a palavra ‘mediação’ para expressar o papel do professor no ensino, isto é, mediar a relação entre o aluno e o objeto de conhecimento. Na verdade, trata-se de uma dupla mediação: primeiro, tem-se a mediação cognitiva, que liga o aluno ao objeto de conhecimento; segundo, tem-se a mediação didática, que assegura as condições e os meios pelos quais o aluno se relaciona com o conhecimento. (LIBÂNEO, 2011, p. 92, grifo do autor).

A mediação cognitiva seria, então, o aprendizado propriamente dito, enquanto a mediação didática vai buscar as condições, os meios e os instrumentos para se chegar a este aprendizado.

Por isso, mais uma vez recorremos a Vygotsky para entender o papel da mediação nesse processo. Para a teoria histórico-cultural, as funções psíquicas humanas (linguagem, memória, etc.) antes de se tornarem internas ao indivíduo (intrapsíquica) precisam ser vivenciadas nas relações entre as pessoas (Interpsíquicas). Sendo assim, o educador e suas ferramentas didáticas não são apenas elos desse processo, mas são suportes para que o aluno se aproprie do conhecimento, através da interação feita por meio da linguagem (símbolos e signos), realizando a mediação do indivíduo com a cultura do meio onde está inserido.

É neste sentido que defendemos a ideia do uso das redes sociais no ambiente pedagógico como uma relação que caminha do nível interpsíquico para o intrapsíquico. Desse modo, o sujeito, primeiramente, estabelece relação com o outro por meio da linguagem e, aos poucos, internaliza a cultura do ambiente, produzindo sua própria história.

Outro construto teórico importante da intervenção pedagógica estudada por Vygostky, além da mediação e da linguagem como processo de internalização, foi a ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal), que também pode ser pensada a partir do uso das TIC na educação. Vygotsky (1998, p.133) a define como sendo

[a]quelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão permanentemente e estado embrionário. O nível de desenvolvimento real caracteriza-se pelo desenvolvimento mental, retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente.

Baseado nisso, podemos afirmar que a ZDP é o espaço entre o que aluno ainda não sabe e o que ele pode vir a conhecer e, para isso, ele necessita da interação com o outro a fim de ampliar seu processo de aprendizagem. Nesse sentido, destacamos a importância da atuação do professor e da sua mediação no sistema educacional, e argumentamos a favor do uso das redes sociais, as quais utilizam a linguagem como ferramenta que permite a interação nesse processo, uma vez que as funções mentais superiores são formadas socialmente e culturalmente transmitidas por meio da linguagem.

Conclusão

Ao trabalhar com redes sociais virtuais, acreditamos que a educação seja responsabilidade de todos para todos, transcendendo o propósito de Comenius (2011) de ensinar tudo para todos. As redes sociais têm as ferramentas que permitem criar o contexto necessário para esse novo processo de ensino e aprendizagem, pois permitem a partilha de conteúdos em múltiplos aparatos tecnológicos. A familiaridade dos alunos com a internet e sua plataforma técnica poderá facilitar a sua utilização na prática educativa.

O maior poder das redes sociais quando utilizadas na aprendizagem, além de fomentar a atitude ativa do discente nesse percurso, é a identificação imediata que os alunos têm com a didática e o sentimento de que a construção do conhecimento depende da participação de cada um, professor e aluno, e não apenas do docente como único mediador desse processo.

Sabemos que as TIC são inertes. Não são elementos ativos na construção do conhecimento. O conhecimento é desenvolvido pela informação, pelo senso crítico e, acima de tudo, pela dialética estabelecida entre orientador e orientando sobre as informações postas em apreciação. A rede social é apenas o condutor da informação, é o veículo, assim como o ar é o veículo do som. A qualidade dessa informação, se boa ou ruim, não interessa; será objeto de análise e crítica para construção do verdadeiro conhecimento pelos atores do processo de ensino-aprendizagem.

Este ensaio não pretende esgotar o tema e muito menos discutir a questão econômica da educação para sua viabilização, mas visa refletir acerca do uso de redes sociais e suas possibilidades como uma das várias formas de mediação para o processo de ensino e de aprendizagem para além das representações a que esses aplicativos vêm se propondo.

As redes sociais são ferramentas relativamente recentes no mundo contemporâneo e necessitam olhares diferentes para buscar novos formatos para a educação na sociedade informatizada, devendo ser objeto de estudo para nortear pesquisas que levem a outras direções.

Mais do que utilizar as redes sociais como ferramenta pedagógica para além da representação, esperamos buscar alternativas que possam também através da educação descobrir o caminho para se chegar à era do conhecimento e não ficarmos estagnados na era da informação. Segundo Charlot (2013, p. 87), “por mais evidente que seja o fato de vivermos em uma sociedade da informação, há de distinguir a informação, que apenas enuncia um dado, e o saber, que organiza dados em redes de sentido.”

Essa rede de sentido vai acontecer quando essas informações forem compartilhadas para todos em um processo de conhecimento; quando o saber for capaz de revelar o que se esconde atrás das representações das informações; quando o homem for capaz de fazer a síntese entre existência e a essência da informação.

Não estou aqui fazendo uma apologia ao uso das TIC como redenção ou a grande descoberta pedagógica do século, ou mesmo como a única mediação possível no processo de ensino e de aprendizagem e no desenvolvimento das funções mentais dos alunos. Tudo isso pode acontecer com ou sem o uso das redes sociais impregnadas no mundo atual.

O que buscamos neste artigo foi analisar uma possibilidade do uso das redes sociais, não como meramente um instrumento das TIC, mas como mais um meio para favorecer uma interação do aluno no processo de mediação na construção do seu conhecimento, e para que ele possa se apropriar das qualidades humanas que foram criadas pelos homens ao longo da história.

Bibliografia

CASTELLS, Manuel. A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura. A sociedade em Rede. Vol. 1. 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber às práticas educativas. 1ª Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

COMENIUS, Amós. Didática Magna. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAQUERO, Ricardo. Vygotsky e a aprendizagem escolar. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FELINTO, Erick. Tecnognose: tecnologias do virtual, identidade e imaginação espiritual. FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, n. 18, p.15-25, 2002.

GABRIEL, Martha. Marketing na Era Digital. São Paulo: Novatec Editora, 2010.

LIBÂNEO, José C. Didática. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

_____.Didática e Trabalho docente: a mediação didática do professor nas aulas. In: Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança: diferentes olhares para a didática (org: Libâneo, J.C., Suanno, M.V.R. & Limonta, S.V.). CEPED/Editora da PUC GOIAS, Goiânia, 2011. 1: 85-100.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. 8ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PAIVA, Wilson Alves de. Da representação no processo educacional: entre a festa e o espetáculo. Colóquio Internacional. Pirenópolis/GO 2011.

PAIVA, Wilson Alves de. O Emílio de Rousseau e a formação do cidadão do mundo moderno. Trindade-Go: CEODO, 2007.

PEIXOTO, J. CARVALHO, R. M. A. “Mediação pedagógica midiaticizada pelas tecnologias?” Revista Teoria e Prática da Educação, v. 14, n. 1, p. 31-38, 2011. Disponível em: <<http://www.dtp.uem.br/rtp/volumes/v14n1/03.pdf>> Acesso em: 08 jul. 2015.

RHEINGOLD, Howard. La Comunidad Virtual: Uma Sociedade sin Fronteiras. Gedisa Editorial. Colección Límites de La Ciencia. Barcelona, 1996. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/book/>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou da educação. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SELWYN, N. O uso das TIC na educação e a promoção de inclusão social: uma perspectiva crítica do Reino Unido. Educ. Soc. v. 29, n. 104, p. 815-850, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0929104.pdf>> Acesso em: 07 jul. 2015.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.